

**A LUXÚRIA
PREVALECENTE
É CONSISTENTE
COM A GRAÇA?**

Por John Owen

Traduzido e Adaptado por Silvio Dutra

A paz, a graça e o amor de Deus sejam com todos aqueles que amam a Jesus e guardam os seus mandamentos.

Estaremos apresentando uma nova mensagem de autoria de John Owen, na qual ele responde a casos de consciência quanto a sabermos se a luxúria ou corrupção, habitualmente prevalentes, são consistentes com a verdade da graça?

Esta é uma indagação que povoa o pensamento de muitos crentes em nossos dias, porque não são poucos aqueles que dizem ser professantes e que no entanto são comumente vencidos por pecados prevalentes. E então logo vem a dúvida se eles são de fato novas criaturas em Cristo ou não, ou a de que seria possível a um crente permanecer na prática inveterada de pecados aos quais se encontre afeiçoado.

Vejamos como John Owen pode nos ajudar a compreender se há consistência entre a graça e luxúrias e corrupções prevalentes em uma mesma pessoa.

Ele nos diz:

Eu respondo: Esta é uma pergunta difícil; há dificuldades nela, e, pode ser que não permitam que seja exatamente determinado.

Estou certo de que devemos ser muito cuidadosos com o que dizemos sobre essa pergunta, que determina a condição atual e eterna das almas dos homens.

Supondo que retenhamos algo do que foi dito ao declarar se uma luxúria ou corrupção é habitualmente prevalecente, porque esse é o fundamento de nossa investigação atual, levarei a algumas cabeças o que tenho a dizer sobre esta pergunta para que possam ser lembradas.

Eu digo, então: - Primeiro. É dever de todo crente cuidar para que esse nunca seja o seu próprio caso na experiência prática. Vamos nos encontrar com dificuldades, medos e dúvidas suficientes sobre nossa condição eterna, embora não tenhamos luxúria nem corrupção habitualmente prevalecentes; portanto, eu digo, é dever de todo crente tomar cuidado para que esse nunca seja o seu caso.

Davi fez isso, como vemos no Salmo 19: 12,13. "Quem pode entender seus erros?", diz ele: "Purifica-me de falhas secretas. Afasto também o teu servo dos pecados presunçosos; então

ficarei em pé e serei inocente da grande transgressão."

Ele reconhece seus erros e pecados e ora por purificação e perdão; mas para pecados presunçosos, pecados com mão alta, e toda corrupção habitual, que tem algo de presunção, ele diz: "Senhor, afasta teu servo deles".

A cautela do apóstolo é para o mesmo propósito, como ele diz em Hebreus 12:15: "Vigiai diligentemente para que ninguém seja faltoso na graça de Deus; que nenhuma raiz de amargura brote entre vós".

Existe a raiz da amargura em cada um; que eu vigio como uma corrupção em alguma medida habitual, pois se brotar, pode se transformar em uma grande corrupção.

E peço a vocês, irmãos, implorem a Deus, por suas próprias almas e pela minha, para que tomemos cuidado para que este nunca seja o nosso caso.

Em segundo lugar. A segunda coisa que eu observaria é: - o que quer que seja dito sobre sua consistência com a graça, é certamente consistente com a paz.

Gostaria que pudéssemos lembrar que descrição foi dada antes dessa corrupção predominante, para que possamos considerar as coisas agora aplicadas a ela. Aqui (embora eu seja tão terno quanto a menina dos meus olhos nessas coisas), não tenho medo de dizer isso: que a paz que qualquer um que tenha concordado com uma corrupção predominante é segurança carnal, e não paz.

Sei que os homens podem estar em grande paz sob as corrupções prevalecentes e viver com boas esperanças de que sejam aceitos por Deus - que seja bom para eles no fim afinal; e que eles terão poder um tempo ou outro contra essa corrupção, e a deixarão quando for oportuno, e lutarão contra ela mais do que fizeram: mas toda essa paz não passa de segurança carnal.

Além disso, há o engano do pecado que cega o entendimento e a pessoa que é alcoólatra não se considera alcoólatra, o viciado em drogas alucinógenas, que pensa não ser dominado por elas, e isto se aplica a toda luxúria dominante.

Sob a corrupção prevalecente há uma apostasia; pois eu iria declarar a questão assim: - uma pessoa que é um professante, e tem guardado os deveres e obediência até que algum desejo que achou força nele, pela constituição, tentações,

ou ocasiões de vida, e tem-lhe retirado de seu andar com Deus; há então um desenho de apostasia. Agora, diz Deus pelo apóstolo: "Se alguém recuar, minha alma não tem prazer nele", Hebreus 10:38 .

E quando Deus não tem prazer de acordo com os vários graus de desviados (pode ser o que se entende por apostasia final), ele não íntima nada que seja motivo de paz para essa alma. Assim, lemos em Isaías 57:17: "Pela iniquidade de sua avareza, indignei-me e me escondi dele."

Se houver uma iniquidade incurável de cobiça, ou qualquer outra iniquidade, manifestada para nós ou não, Deus está irado e se esconde de nós.

Peço, irmãos, que examinemos nossa paz; e se acharmos que temos uma paz que pode manter seu terreno e posição sob a corrupção predominante, não confie mais nessa paz - ela não nos manterá em pé quando estiver sob um julgamento verdadeiro.

Em terceiro lugar. A terceira coisa que eu diria é a seguinte: se uma corrupção predominante não é inconsistente com a verdade da graça, é certamente inconsistente com o verdadeiro exercício da graça. Na verdade, não é inconsistente com o desempenho de tarefas;

mas é inconsistente com o verdadeiro exercício da graça no desempenho dos deveres. As ações poderão ser corretas, mas a alma não será reta diante do Senhor.

É visto e sabido com frequência que as pessoas que sofrem de corrupção predominante multiplicam seus deveres, desse modo, buscam tranquilizar a consciência e compensar a Deus pelo que fizeram de errado.

As pessoas podem multiplicar orações, seguir a pregação e cumprir outros deveres, quando usam todas essas coisas, através da falsidade do pecado, mas como uma capa para alguma corrupção predominante; mas em todos esses deveres não há verdadeiro exercício da graça.

A verdadeira determinação desta questão depende de uma exposição correta de 1 João 2:15. Se pudéssemos entender esse versículo, ele determinaria este ponto: "Não ameis o mundo, nem as coisas que existem no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele."

Existe a questão: se a corrupção predominante é inconsistente com a verdadeira graça?

Sei que as palavras podem ter essa construção: "Se alguém faz do mundo o seu principal bem,

se alguém coloca o mundo no lugar de Deus, então o amor do Pai não está nele; ele não recebeu amor de Deus ou não tem amor a Deus como um pai em Cristo.” Mas, de fato, o apóstolo, falando aos crentes, sou capaz de pensar que fala não de todo o tipo, mas em graus, - se houver uma prevalência do amor ao mundo, não há prevalência dos atos do amor do Pai, - que eles não dizem respeito aos princípios habituais do amor ao mundo e do amor do Pai, mas aos atos predominantes de um e de outro.

E, conseqüentemente, pode-se dizer de todas as outras graças, que onde há uma prevalência do ato do pecado, há uma suspensão do exercício da graça.

Irmãos, se algum de nós esteve sob o poder de corrupção predominante (ainda serei terno e falarei o que deve ser recebido e acreditado, se as pessoas fazem ou não), é muito temível que tenhamos perdido todas as nossas orações e audições por parte de Deus, porque não tivemos um exercício verdadeiro de graça neles.

Pode haver algum exercício, mas um devido e verdadeiro exercício da graça será adormecido pela corrupção predominante. E, portanto, tomemos cuidado com a corrupção predominante, como teríamos cuidado de

perder todas as coisas que forjamos - nossa oração, audição da Palavra, sofrimento, caridade - por falta de um devido exercício de graça neles.

Em quarto lugar. Devo admitir que a vida espiritual pode estar desmaiando quando o homem espiritual não está morto. Existe uma espécie de embotamento dos espíritos, chamado desmaio, que pode acontecer aos crentes, que suspende todos os atos da vida, quando o homem ainda não está morto espiritualmente de fato.

Por isso, digo que, embora eu deva ver um homem, através da prevalência da corrupção, ter todas as evidências de uma vida espiritual desmaiada, ainda assim não concluirei que o homem espiritual está morto.

Tomemos o caso de Davi, desde o tempo de sua grande queda e transgressão no assunto de Urias até a vinda do profeta Natã.

As pessoas geralmente tendem a acreditar que a vida espiritual estava desmaiada, quando o homem espiritual não estava morto. Sua queda, como um homem honesto disse, colocou a respiração fora de seu corpo, e ele se deitou um

longo tempo como um homem morto, em razão do poder que um pecado deixou em sua alma.

E considere isso como um grande exemplo que um pecado, não imediatamente retirado por grande humilhação, deixa grandes e até habituais inclinações na alma para o mesmo pecado.

Alguns atribuíram isso à corrupção de nossa natureza. Pois é uma questão grande e difícil na teologia, como um pecado em particular, como o pecado de Adão, deveria trazer corrupção habitual à nossa natureza. A que alguns respondem assim: Que qualquer ato moral, realizado com mão elevada, possui grande obliquidade, colocando toda a nossa natureza sujeita à corrupção.

Davi, por esse único ato de maldade flagrante, permaneceu nele por longo tempo, até Natã chegar e administrar-lhe um bom espírito, que o aliviou de seu desmaio.

Portanto, digo que não julgarei uma pessoa espiritualmente morta, a quem julguei ter tido vida espiritual, embora eu a veja atualmente desmaiada quanto a todas as evidências da vida espiritual. E a razão pela qual eu não julgarei isso é a seguinte: porque se você julga uma pessoa

morta, você a negligencia, a deixa; mas se você a julgar desmaiada, embora nunca seja tão perigoso, usará todos os meios para recuperar sua vida. Assim devemos fazer um ao outro e às nossas próprias almas.

Em quinto lugar. Há uma prevalência de pecado que é inconsistente com a verdadeira graça, que pode acontecer com aqueles que foram professantes. Assim, o apóstolo declara em Romanos 6:16: "Não sabeis que a quem vos apresentais como servos para obedecer, sois servos de quem obedeceis; seja do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça?" Existe uma porção do pecado que coloca um homem em um estado contrário.

Em sexto lugar. Acrescentarei apenas mais uma coisa, e é isso: - pode haver corrupção, pecado ou luxúria, habitualmente prevalecente, quanto a qualquer evidência que a pessoa em quem ela ou outras pessoas possam discernir; e ainda há a raiz da questão, a raiz da vida espiritual, não obstante a pessoa.

Suponhamos, então, que haja tanta prevalência, que a alma julgue habitual, como saberemos se a raiz do problema está nessa pessoa ou não?

Se na alma restou alguma coisa da vida espiritual, haverá algo de operações vitais nessa alma. Agora, as operações vitais que evidenciam que a alma não está absolutamente morta pela corrupção predominante são a oposição e a humilhação.

Assim ainda que a alma, embora dominada por algum pecado, é consciente de si de uma sinceridade na oposição que faz, há uma evidência de uma operação vital; da mesma forma que é constante em sua humilhação por esse motivo.

Mas, se for mais aprofundado, como se pode saber que essa humilhação é sincera?

Eu respondo: não pode ser conhecido por seu vigor e eficácia; pois isso derruba a questão. Pois, se a oposição fosse vigorosa e eficaz, quebraria o poder da luxúria e da corrupção, para que não fosse mais predominante. Mas por duas maneiras pode ser conhecido.

1. Pela sua constância. Se a raiz da questão ainda estiver em nós, haverá uma oposição constante a todo ato de qualquer corrupção prevalecente.

Não falo de tentações violentas, mas de casos comuns; em que não sei de onde devemos

concluir que a raiz do problema está naquele homem que não faz uma oposição sincera a todos os casos do ato de corrupção prevalecente.

Se um homem pode passar por cima de um e outro exemplo de corrupção prevalecente sem nenhuma humilhação, o Deus santo e soberano mostra a ele graça e misericórdia! Mas isto é para mim como “o caminho de uma serpente sobre uma pedra”, ou seja, eu não vejo, não conheço.

2. Em segundo lugar, pode ser conhecido também se a oposição é sincero, se for de sua própria fonte; isto é, se não for de convicção, de luz, ou apenas de consciência, mas da vontade do pobre pecador. Eu faria o contrário; eu teria esse pecado destruído, - eu o teria arrancado, para que não houvesse mais em mim; minha vontade está contra, mas cativou meus afetos e perturbou meu curso.

É tudo o que ousa dizer sobre esta questão: que pode haver uma prevalência habitual de corrupção, o que pode parecer assim para quem sob isso se encontra, como também para quem conversa com eles, e ainda assim a raiz do problema está neles.

Podemos conhecer a raiz do problema pela atuação da vida espiritual - em oposição anterior e humilhação posterior.

Podemos conhecer a sinceridade desses atos vitais por sua constância e sua fonte - se somos constantes neles e se eles surgem de nossas vontades.

No próximo vídeo será visto o que deve fazer uma pessoa que se encontra sob a poder de uma corrupção, pecado ou tentação predominante.

Então até lá e que a graça de Jesus no guarde pelo seu poder, de pecados prevalecentes. Amém.